

Momentos Dezembro/2009

Estamos em Dezembro.

Já se entrou na análise do ano que passou, tal como se entrou no planeamento para o ano que aí vem.

Ano Novo, diz-se !

Talvez seja, mas estamos pessimistas.

Nesta falácia em que todos embarcamos por força da organização do Estado (a definição de “ano” é uma convenção) de medirmos a nossa actividade por períodos de 365(6) dias, contados de 01Jan a 31Dez, as nossas perspectivas para o próximo período a considerar são péssimas.

De facto não encontramos quaisquer variáveis que nos incentivem o entusiasmo.

Economicamente, financeiramente, socialmente Portugal está em muito maus lençóis.

Sem dirigentes políticos capazes a condução do País vai aos tombos, cada tombo maior do que o anterior.

É uma fatalidade termos de nos referir aos políticos quando pensamos e nos debruçamos sobre a situação que se vive em Portugal.

Mas como é que pode ser de outra maneira ?

Qualquer estrutura nacional é dependente directamente de Governantes e Empresários.

É assim em todo o mundo e não se vislumbra alternativa.

A alternativa possível, ensaiada em alguns pontos do globo, é ainda pior. É fazer depender a condução pública de organizações religiosas.

Pare-se, escute-se e olhe-se.

Nas sociedades onde a religião tomou conta do poder a situação consegue ser, ainda, bem pior.

Vejam-se os exemplos de Israel e das nações muçulmanas, onde política e religião se confundem e onde a guerra e degradação/atraso social são calamitosos.

Mas fiquemo-nos pelo que nos está mais próximo.

E por aí o que temos é a organização do estado dependente de políticos, quase só de políticos, cada vez mais só de políticos.

Por muito que gostássemos de poder concluir de forma diferente, não temos outros indicadores.

O Estado está organizado em estruturas políticas e estas são obviamente, constituídas, mantidas desenvolvidas por políticos.

E a classe política portuguesa, actual, é péssima.

Provavelmente em Portugal não é muito diferente do que é por aí fora, mas com esses podemos bem. Daí podem resultar algumas preocupações (a globalização provoca esse efeito) mas a dependência diária dos portugueses tem a ver com o que se passa e com quem está “intra-muros”.

Diz-se-a que os dirigentes políticos são escolhidos pelos portugueses.

Pois são, mas o leque de escolhas actual é, raríssimas excepções, entre o mau e o pior. A bitola está muito baixa.

E não se vê uma “luz ao fundo do túnel”.

Portugal sempre teve grandes Homens, pensadores, escritores, cientistas, economistas, aventureiros, guerreiros, gestores...

E tem !

Então porquê esta classe política incapaz de olhar para o país como uma missão ?

Incapaz de se afastar dos seus interesses pessoalíssimos ?

Incapaz de fazer aquilo que anuncia ?

Incapaz de viver sem truques, sem golpes baixos, sem qualquer coisa que se possa aproximar ao conceito de ética ?

Esta imagem está generalizada, é anunciada por todas as classes profissionais, é denunciada por todos os que têm responsabilidade, seja no que for.

Fala-se de Medina Carreira.

Certo, é um “deita abaixo” nato. Mas então e os outros ? Henrique de Barros, Silva Lopes, João Salgueiro, Marinho Pinto, Artur Santos Silva, Fernando Ulrich, Hernâni Lopes,...

Está em curso a “vaga de fundo” jornalistaXpolítico.

Sempre houve uma quezília latente, mas em boa verdade neste últimos meses têm-se intensificado as movimentações escritas (e faladas) acerca da qualidade do jornalismo que temos e dos jornalistas que o fazem.

Esta questão sempre se intensifica nas épocas de maior “irritação” política.

É um escape que entendemos, são coisinhas más que vão ficando ao longo do tempo, são raivinhas que não são levadas ao psicólogo.

E quando a coisa aperta... o mexilhão fica entalado.

Na verdade quer-nos parecer que muito do jornalismo que se faz por aí é fraquito.

O sensacionalismo sobrepõe-se à importância da informação.

Num público mal formado, onde a falta de ensino (não é falta de escola, é falta de ensino !) é gritante, onde a informação mais corrente se divide entre os “brothers”, as péssimas novelas de cordel e um futebolês viciado, o jornalista divide-se entre o comportamento ético e a sopa para a família.

O resultado vê-se. Aí está, no sensacionalismo das 1^{as} páginas e no vazio das páginas interiores.

E vê-se também nos interesses em jogo pela conquista de audiências e, claro, dos dinheiros da publicidade.

E se a primeira pode ser inflacionada mil, um milhão de vezes (quem controla ?)... já a segunda se limita ao que há, muitas vezes também por favor.

Ainda assim apetece-nos pôr no ar a pergunta: - Mas, quem manda ?

O conceito de sociedade nacional acabou.. Antes havia acabado a sociedade familiar.



A “globalização” atingiu primeiro as famílias (ninguém se apercebeu disso) e logo a seguir as nações.

Não estava digerida a primeira e já estávamos enterrados na segunda.

Os gestores destas mudanças não estão interessados em dar tempo para pensar. Isso seria uma complicação que querem evitar a todo o custo.

Decreta-se: - Povo não pensa !

E pronto, segue o processo.

E a resposta ? Qual é ?

Sim... quem manda ?

Será que são jornalistas ?

A Assembleia da República é composta por jornalistas ou por políticos ?

Os bancos são administrados por jornalistas ou por políticos armados em banqueiros ?

As grandes empresas públicas e privadas são comandadas por jornalistas ou por políticos armados em gestores/administradores ?

E os governos ?

E a Presidência da República ?

E a Justiça é feita por jornalistas ou por juízes e advogados que são, foram ou estão candidatos a políticos ?

Falando apenas de gente sobre o qual não há hipótese de engano.

Se no www.odivelas.com for escrito ou filmado o desfalque do banco. Será que o vigarista sou eu ?

Se no www.odivelas.com for escrito ou filmado os impropérios, as cenas de descrédito total das assembleias ou os murros trocados democraticamente com adversários políticos será que o arruaceiro sou eu ?

Se no www.odivelas.com for escrito ou filmada a libertação de um ladrão, assassino ou vigarista confesso, será que a péssima justiça é feita por mim ?

Pois é. Se calhar a culpa é minha, sim. Tenho que pensar nisto.

Odivelas, 19/12/2009

(Odivelas.com)